

# OS ÍNDIOS PREFEREM A DELES

Reportagem de ATENÉIA FEIJÓ • Fotos de LUIZ ALBERTO

GIR0005



# Tupis-guaranis fundaram uma aldeia-esconderijo, para fugir à incompreensão dos brancos civilizados

**D**ENTRO da mata cerrada, em plena serra da Bocaina, nas proximidades da estrada Rio—Santos, fica o esconderijo de um grupo de índios tupis-guaranis que, após dura experiência no meio civilizado, resolveu voltar à vida primitiva da floresta. Localizada a sudeste do rio Bracuí — que dá o nome à parte mais baixa daquela região — a pequena aldeia fica tão bem

guardada de olhos curiosos, plantada em local alto e coberto de mato denso, que é praticamente impossível surpreender a presença dos índios. Não existe estrada ou picada aberta até o refúgio. A única via de acesso é uma espécie de trilha, feita pela marca dos passos dos próprios índios, e por onde é necessário seguir a pé, mata acima. Esse rastro só

pode ser reconhecido por quem estiver muito identificado com a vida na selva. Assim, existem apenas duas maneiras de visitar os tupis: ser levado às oó (casas) por um dos próprios guaranis — que às vezes descem até Bracuí, para fazer compras — ou conseguir um guia que seja conhecido deles. Nesse caso, só há um homem, Aroldo, o amigo negro do cacique Verá, cujo

nome em nacional (português) é Alcebiades Martins Ramos. Fomos encontrar Aroldo depois de meia hora de caminhada, em sua rocinha, na parte baixa da mata. Nascido e criado naquela região, a terra não tem segredo para ele. Ouviu, meditou e acabou concordando em nos levar ao refúgio dos seus amigos: “Eles foram para o sertão, lá em cima, porque aqui eram maltratados.”

SEGUE



que ainda vestem, por vaidade pueril. No mais, permanecem fiéis aos costumes do seu povo, cozinhando o tatu em fogueirinha de gravetos.

# E

## les só usam roupa de branco como curtição, conhecem rádio de pilha mas se comunicam por assovios e dizem que a cidade grande tem muitos perigos

**F**ICOU combinado que o velho Aroldo nos esperaria, no dia seguinte, à beira da estrada, para iniciarmos a subida. Ele cumpriu a palavra. Assim que nos viu, foi logo dizendo: "Ontem mesmo eu fui à roça do cacique Verá e ele concordou em receber vocês, depois que expliquei serem pessoas direitas e de boa intenção."

Alegre, descalço, marchando em passo miúdo e veloz, que tínhamos dificuldades em acompanhar, Aroldo parecia o dono da mata. Depois de meia hora de marcha por dentro da floresta, subindo sempre, chegamos a um pequeno rio meio encachoeirado sobre o seu leito de pedras: "Estamos perto. É aqui que eles tomam banho, lavam roupa e apanham água para beber." Mais alguns metros de encosta íngreme e alcançamos uma espécie de platô, onde se abria uma acolhedora clareira, na qual estavam plantados os roçados e as oós dos tupi-guaranis. Verá, o cacique, apareceu, rindo. Nosso aspecto devia ser cômico. Estávamos suados, afogueados, a respiração descompassada e a roupa suja dos trambolhões no caminho. Quem falou primeiro foi o cacique: — Muito cansados. Caminho muito difícil.

Recomeçou a rir e fez sinal para que nos aproximássemos. Sentamos no chão, para descansar. A umidade da mata, carregada de promessas de chuva, não ajudava o repouso. Verá disse alguma coisa em tupi-guarani e logo as mulheres do bando apareceram, rindo também. Só Euá, a companheira do cacique, parecia triste. Além de ser a mais velha do grupo, está quase cega, sofrendo de uma doença nos olhos, que parece ser catarata. Euá não falou nenhuma vez. Krechu, irmã de Verá, casada com Karáí e mãe de sete filhos, apesar de discreta, parecia à vontade entre os visitantes.

**D**AÇUCÁ, a mais jovem de todas, sobrinha do grande chefe e mulher de Tediú, era a mais sorridente. Só as crianças tinham o ar assustado. Krechu explicou, num nacional muito enrolado, que o marido saíra para caçar, mas voltaria breve. Tediú apareceu logo depois — estivera à procura de um facão perdido no mato. Enquanto olhávamos o recém-chegado, Verá sumiu no interior da sua oó — feita de troncos finos de árvore e coberta com folhas de palmeira — e voltou de tingorá (cocar de

chefe) na cabeça. Vestia calças compridas escuras e uma camisa surrada. Os pés continuavam descalços. A roupa — todos estavam vestidos — que, no início, julgamos serem usadas por causa do frio, têm para os índios mais um sentido de curtição.

Volta e meia um tupi desaparecia e voltava do interior da oó com um traje diferente. Realizaram, cheios de vaidade e alegria, um verdadeiro desfile de roupas velhas e amarfanhadas, guardadas em malas estragadas. Eles não conhecem o ferro de passar, apenas lavam suas calças e blusas.

As mulheres se ocupam da cozinha, cuidam das crianças, dedicam-se ao artesanato (cestinhas de palha de taquara, colares de penas, arco, flechas para vender) e cuidam da roupa. Os homens caçam e trabalham no roçado. Plantam milho, mandioca, batata, abóbora, arroz, melancia, utilizando todos os recursos primitivos de que dispõem. Seus únicos instrumentos de trabalho são uma enxada, uma foice, um machado e dois facões velhos.

**P**ARA caçar, só usam o **P**gurapá (arco), o **uê** (flecha com ponta de lâmina fina e resistente, destinada a abater onças e animais de grande porte), e o **gurupíá** (flecha com ponta em feitiço de pião invertido, feita de madeira, própria para matar jacu e outras aves). Mas agora não é tempo de caça e Verá nos explica a razão: "Os bichos estão criando, quem for caçar agora desequilibra tudo, encrenca tudo. Depois, pode-se caçar à vontade: a mata tem tatu, cotia, paca, gambá, macaco, bugio, queixada, catete, onça, mico, jacu, jacutinga, macuco, tucano, pavão e saripoca. Jaguatirica tem muita. Cobra tem, mas muito pouca."

Nessa época de proibição de caça, eles utilizam o **mondé** (armadilha) para pegar algum tatu ou gambá (bichos que se reproduzem muito depressa) e, assim, não ficam totalmente desprovidos de carne. Estão apenas começando a criar galinhas e porcos. Gostam de comer feijão, arroz — tão empapado que tem aparência de sopa — mandioca, batata e outros tubérculos que colhem no roçado. O modo de preparar não muda: o que não é cozido, é assado. O fogão, feito de barro, funciona a lenha. No interior das oós, apesar da existência de painéis velhos, malas antigas, cobertores e roupas herdadas dos

civilizados e da presença surpreendente de algum rádio de pilha, o aspecto continua sendo primitivo. Não existem armários, mesas, cadeiras, bancos ou camas.

**O**S índios dormem na **tupá** (espécie de catre), armada sobre quatro forquilhas de um metro de altura. Pelo tamanho das **tupás** (muito curtas e estreitas), ficamos imaginando de que maneira eles se ajeitam para dormir. Após a longa explicação, compreendemos que Verá e seus parentes nunca souberam o que é um sono de pernas esticadas. Indiozinho de colo tem mais conforto: ele dorme no **adjacá**, espécie de berço, feito de fibra de taboca, que fica pendurado por cipós na parede da oó.

Quem nos dava a maior parte dos esclarecimentos era o próprio Verá, pois além de grande cacique possui temperamento comunicativo e alegre, além de falar razoavelmente o **nacional**. De acordo com o comentário de Krechu, todo cacique tupi-guarani deve ser dono de notória sabedoria. Quando Krechu acabou de fazer essa revelação, ouvimos um apito muito estranho, ecoando por toda a mata. Era Verá, que assoprava nas mãos unidas em concha e apoiadas com força junto ao queixo. Daí a pouco ouvimos a resposta: outro assovio impressionante, impossível de ser descrito. As índias começaram a tagarelar entre si, no seu idioma nativo, ao mesmo tempo em que soltavam risinhos abafados. Elas se divertiam com a nossa cara de espanto. Verá explicou a razão do alarido: "Estou chamando Karáí. Ele já respondeu, está perto. Vai aparecer logo. Quero o meu povo vestido de tupi-guarani para vocês tirarem retrato. Só está faltando ele." Minutos depois, apareceu Karáí, trazendo um tatu pendurado nas costas. Verá deu uma ordem em seu idioma e todos entraram nas oós, fazendo um sinal para que esperássemos um pouco. Daí a instantes, voltaram a aparecer, nus da cintura para cima. As mulheres usavam um pano enrolado nos quadris, que ia até os joelhos. Os homens haviam arregaçado as calças e, atravessando um trapo sobre elas, afirmavam que estavam de tanga. Era uma espécie de paródia, entre comvente e engraçada, da indumentária dos seus antepassados. Em seguida, amarraram fibra de cipó nas pernas, pegaram o arco e a

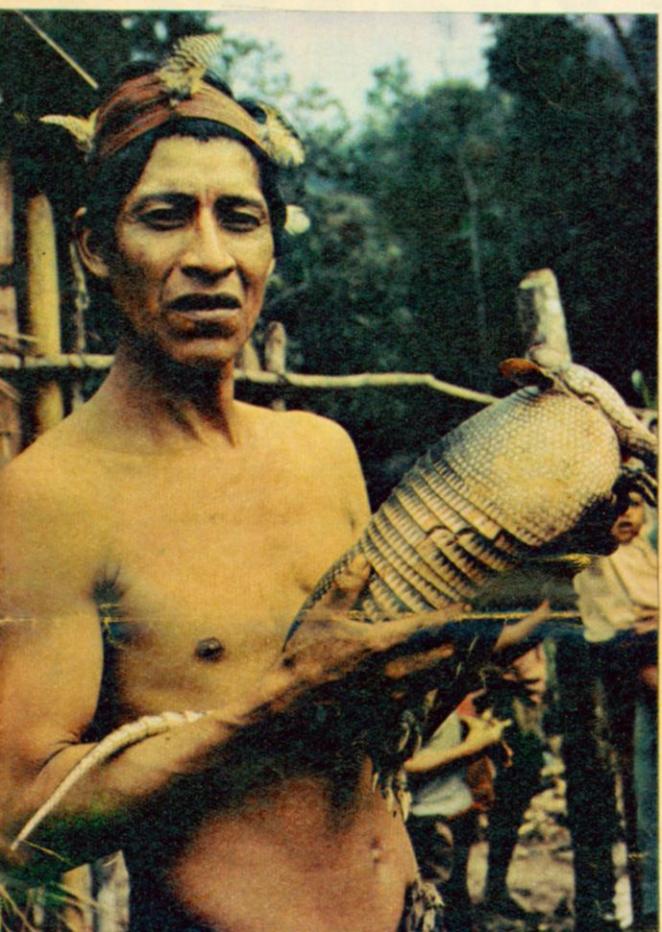
flecha e começaram a representar uma caçada. Depois, acenderam uma fogueirinha no meio do terreiro e assaram o tatu. Alguns pegaram os **petanguás** — cachimbos de nós de pinho, usados na hora das orações — e ficaram pitando. Krechu passou na roça, com o filhinho encaixado nos quadris. Daçucá começou a tecer uma cestinha de palha de taquara. Até as crianças se despiram e improvisaram falsas tangas. Era uma demonstração dos seus hábitos ancestrais, de sua cultura já degradada pelo convívio dos brancos. De repente, voltaram às oós e começaram a vestir roupas de civilizados, apresentando um espetáculo inesquecível pelo pitoresco: Verá surgiu calçado, de terno e gravata. Daçucá apareceu de unhas pintadas. Krechu se apresentou de vestido novo, tomando chimarrão em cuia feita de coco, com bomba de **mombi** (mambu de taquara) e coador de **piá** (fibra de timbó trançado). O costume se explica pelo fato desses índios serem originários do Paraná.

**—** **N**ÓS fomos nascidos e criados no mato — conta Verá. — Meu povo vivia numa grande aldeia, de uns dois mil casais, às margens do rio Iguazu. A gente do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) tirou os índios de lá. Agora, a maioria do meu povo está em Itanhaém, São Paulo. Mas nós não quisemos ficar e fomos andando, andando, até chegar aqui. Gostamos e posamos. A filha mais velha de Krechu está na Ribeira, no Rio de Janeiro (tudo indica que ele se refere à Casa do Índio, na ilha do Governador). Ela está estudando, para servir ao nosso povo. A grande mágoa do cacique Verá é saber que os brancos acusam os índios de ladrões e preguiçosos: "Eles dizem que índio mata e rouba, mas quem mata e rouba é o homem branco. Na floresta não tem polícia, nem precisa. A polícia é invenção de civilizado, para tomar conta deles."

**V**ERÁ conta que uma vez foi à cidade e lhe roubaram 25 cruzeiros. Em outra ocasião, viajou para Angra dos Reis para vender arco e flecha (a comida estava escassa) e os guardas lhe tomaram tudo, dizendo que ele não tinha licença regulamentada. Outro desgosto de Vera é o esbulho que sofreu da parte de um lavrador de Bracuí. Preparou para esse branco um grande roçado, com derrubada



Daçucá, a mais jovem e sorridente mulher do grupo índio, gosta de cuidar de crianças, mesmo quando não são suas (acima). Embaixo, o cacique Verá exhibe o tatu recém-caçado. Ele mora numa oó (casa) de palha, mas quer ter uma oó feita de tijolos, à altura de sua dignidade.



e tudo, havendo tratado o serviço por Cr\$ 300,00. O homem não queria pagar e acabou dando apenas Cr\$ 80,00.

— Ninguém paga **pirapiré** (nota grande) pelo trabalho de guarani. Só pagam **perate** (dinheirinho). Dizem que índio não é **nacional**, que índio não tem direito a nada. Lá embaixo, não dá para o nosso povo sobreviver. A gente veio aqui para cima, porque aqui ninguém mexe conosco. Quero fazer desse roçado uma verdadeira aldeia tupi-guarani. Tupã vai me ajudar a reunir meus irmãos de sangue outra vez. Verã e seu povo são religiosos. O grande cacique nos dá a sua versão da criação do mundo: "Tupã desceu do céu e veio à terra. Deixou dois pés de palmeira, uma cobra e um tatuzinho debaixo delas. Depois, nosso pai fez um homem tirou uma costela dele e fez uma irmãzinha e soltou todos os dois na terra. Tupã é filho de **Karari Papá**, o nosso grande pai." Verã e seu povo acreditam que, após a morte, poderão entrar na **oó de Karari Papá**. A **oó** divina fica no alto, além de tudo o que existe — "daqui para cima são mais três terras" — e eles garantem que toda a sabedoria existente emana desse paraíso. — Se eu tiver de morrer, morro mesmo — diz o cacique. — E Tupã dará o sinal para indicar quem vai ser o novo chefe. Meu povo não resolve nada sem consultar nossos deuses. Foi assim desde o começo de tudo. Tupã manda um espírito aqui na terra, em forma de uma criança que tem duas asas no peito. Ela diz o que nós devemos fazer e depois voa. Quando o mundo estiver para acabar, essa criança vai descer e nós saberemos de tudo. O tupi-guarani continua sendo a língua usada por eles. Só empregam o **nacional** para se dirigirem aos civilizados. Dizem que ninguém ensinou o **nacional** a eles, aprenderam por obra e graça de Tupã. Eles foram batizados e todos receberam nomes em português, que não usam. Ficaram com os hábitos de sua religião nativa, mas garantem que ela é igual à católica: "Nosso pai é o mesmo, só muda de nome." O sacerdote guarani é o **iurajá** (grande pajé) que vive, atualmente, em São Paulo. É ele quem dá os conselhos indispensáveis aos homens e mulheres durante a cerimônia do casamento. Sem conselho do **iurajá**, ninguém casa. Na despedida, o cacique Verã desejou que Tupã nos acompanhasse e confessou que seu grande sonho é possuir uma **oó** de tijolo. Assim, seria completamente feliz, com seu povo — no meio da mata.